

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

A CONVERSÃO DO VELHO MAGI

HOMOÏNE é uma pequena Missão situada ao fundo da baía de Inhambane, a 36 quilómetros da costa.

Para muitos de entre vós isto não adianta grande coisa, mas os nossos jovens geógrafos poderão sem dúvida dar-vos algumas informações: Inhambane é um pôrto de Moçambique ao sudeste da África. Agora, localizado Inhambane, vemos que, da Europa até lá, a viagem será demorada e apresentará aspectos variadíssimos. São vinte dias por mar, de navio até Lourenço Marques e depois, de boa ou má vontade, será preciso utilizar-se de diferentes meios de condução, como do barco a vapor, do gazolina, barco à vela, camião, automóvel, emfim, nada faltará.



Em 1925, algumas Franciscanas Missionárias de Maria faziam êste trajecto pela primeira vez e não tardou que outras o percorressem também.

E que encontraram as fundadoras na sua chegada à Missão de Homoïne? Uma casa de tijolos com tecto de fôlha, e grandes barracas, modelo indígena, para as obras. Era tudo e já era muito, pois que alguns dias mais tarde tinham a primeira Missão. Em volta dela ficava a planície, unicamente, o mato selvagem numa enorme extensão. Aqui e além, alguns cones de ramagens marcavam uma aldeia ou situavam cubatas isoladas.

A população que habitava essas cubatas, era uma tribo indígena, muito negra, a tribo

O. N. B.
BIBLIOTECA



As crianças vinham à escola

Tahiswa, que falava um dialecto parecido com a língua zulu.

A sua religião não era católica, já se sabe, ao menos para a maior parte. É verdade que os negros de Homoine não adoram os ídolos, mas, como os negros do Congo, crêm no poder dos feitiços, no poder dos bruxos, e estão imbuídos duma quantidade enorme de superstições.

Muito trabalho a realizar se depara às Missionárias naquela região selvagem!

Na mesma semana da sua chegada começava a escola e o catecumenato também, e alguns meses mais tarde as Irmãs abriam o internato e o dispensário.

Para se instruírem e para se deixarem tratar, os negros não são os últimos... Mas além do b... a... ba, dos primeiros pontos de costura e bem de-prensa da tecelagem em ráfia, é preciso também ensinar-lhes a cultivar a terra e inculcar às crianças indolentes por natureza neste país tropical, o amor ao trabalho.

A enxada e o alvião foram portanto postos em lugar de honra; o mato recebeu a investida daquela gente tôja para o transformar em belos campos de milho e de mandioca. E de tal modo se estenderam os seus

limites que atingiram a aldeia do grande chefe Magi.

Êste começou a preocupar-se. Iriam usurpar-lhe o seu domínio? Ousariam fazê-lo?... E já o velho chefe se levantava cheio de cólera, apoiando-se no seu cacete.

Ignorava ainda que Deus manda respeitar os bens do próximo, e que as missionárias observam a lei antes de a ensinar.

Mas o velho Magi devia ir de surpresa em surpresa; não somente as enxadas e os alviões se detiveram nos limites do seu domínio, mas do seu campo até à aldeia indígena não restava mais que um passo, e êsse passo as missionárias transpuseram-no.

Um dia, vieram saudar o grande chefe à sua cubata. Que bondade, que benevolência! Não sabia que pensar. As Irmãs ofereceram-lhe sal, perguntaram-lhe se na sua aldeia não havia crianças que fôsse preciso mandar à escola, doentes, velhos que necessitassem de tratamento, e muitas outras coisas, até mesmo se êle próprio não estava doente!... Quanto às suas mulheres e aos seus filhos, Magi consentiu... Mas êle, deixar-se tratar, isso nunca! Passaram-se 3 ou 4 anos; as relações entre as missionárias e o chefe eram cada vez mais fáceis... As crianças da aldeia iam à escola, as jovens ao «atelier» e as mulheres ao dispensário.

Só Magi julgava rebaixar a sua dignidade em ter precisão do que quer que fôsse. E no entanto cada vez estava mais velho e acabado... É que os anos já lhe pesavam sobre os ombros arqueados, que êle em vão, endireitava para impor respeito.

«Magi, pareces muito cansado, esta manhã?»

— Não, Mãã, eu não estou doente.

— Pois quem quer que te veja pensará que sofres, porque tens o braço assim tão hirto!...

— Sim, êste braço incomoda-me, não me deixa trabalhar, mas isto não é nada, e dentro de alguns dias estarei curado.

— Seja como dizes, mas deixa-te hoje tratar.» Magi apresenta algumas dificuldades. Deixar-se tratar, êle o chefe, e por europeias, é uma coisa que lhe desagrade manifestamente. Todavia é preciso ceder, o cotovelo dói-lhe cada vez mais e está muito inchado. As Irmãs põem-lhe um penso.

— «Por hoje não te faço mais nada, amanhã viremos de novo.»

Voltaram no dia seguinte, no outro ainda, e durante algumas semanas. O braço do chefe não ia nada melhor.

A enfermeira estava preocupada.

«Sabes Magi, disse-lhe ela um dia, tu és velho, e o teu braço vai muito mal.

— Eu sei muito bem que êle vai mal, responde o chefe lacônicamente.

«Talvez já seja tempo de pensar no *Unkulunkulu*» (Deus dos cristãos).

Com um gesto irado o chefe arremessa a esteira.

— Eu tornar-me *Mwanana ka Unkulunkulu*? (Filho de Deus) Isso nunca!

E uma horrível blasfêmia termina a frase!

«Tu não queres, pois não? Isso é lá contigo... Até amanhã!»

E, à entrada da cubata, com um mau olhar, vê-as partir.

— Amanhã?... Amanhã, já não me encontrareis aqui!» diz êle por entre dentes.

No entanto Magi é perspicaz; não deixa de notar a caridade desinteressada, e a dedicação das missionárias para com todos. Há já muito tempo que as observava. Era tam bom receber os seus carinhos!... Mas para se tornar *Mwanana ka Unkulunkulu* seria pre-

ciso começar uma vida nova e principalmente incorrer na cólera dos espíritos!...

Só êste pensamento o fazia já tremer! Êle, cristão? Nunca!... Como é que ousavam propor-lhe semelhante coisa? A sua raiva aumenta... O *Unkulunkulu* querê-lo com tôdas as suas fôrças.

As missionárias não ouviram esta última imprecação. O pequeno convento nimbado de ouro pelos raios ainda quentes do sol avista-se a algumas centenas de metros.

Dentro de alguns instantes tocará para a Bênção do Santissimo Sacramento; elas apressadas, preparam tudo o que é necessário.

No dia seguinte, ao chegar à cubata não encontraram Magi; em vão esperaram durante muito tempo que as chamassem para tratar o velho chefe. Os filhos nunca mais apareceram na escola, nem as filhas no «atelier».

Uma tarde, as Irmãs voltavam das visitas. Fôra um dia pesado, mas feliz entre todos. Era a colheita do «caju» e sempre se reüniam várias aldeias para êsse trabalho. Nas horas de descanso as religiosas foram ao seu encontro para os tratar, interessando-se também pelos doentes que êles tinham deixado nas cubatas...

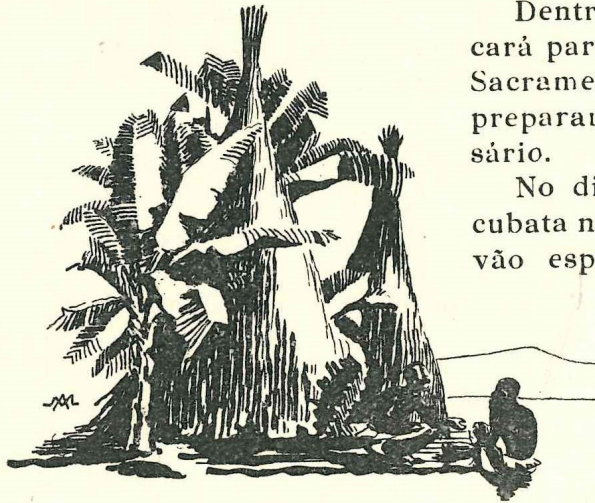
O grande caminho que elas percorriam agora, ladeado de ananases e bananeiras, era cortado por um atalho que conduzia à aldeia de Magi. Seguiram por êle.

Talvez que o velho chefe estivesse mais bem disposto.

Transpuseram a sebe que cercava a aldeia... A primeira cubata estava vazia!... Na segunda ninguém!...

Continuam avançando. A aldeia está completamente deserta!

Chamam. Nem uma alma viva! O vé-



lho chefe cumpriu a sua palavra... Partiu... julgando que era o melhor...

Então perguntaram às crianças da escola. «Magi abandonou a aldeia?

— Abandonou.

— Para onde foi?

— Foi para mais longe, para o outro lado do regato, para a aldeia da sua segunda mulher.»

Esta informação bastou às missionárias.

Entre as grandes internas, algumas são já catequistas muito zelosas. Dentre elas, Joana recebeu a missão de ir visitar o chefe. No dia seguinte de manhã, logo depois da Missa, parte. «Magi está doente, muito doente, disse ela quando voltou. Encontrei-o deitado na esteira, muito magro, tossindo tanto que metia dó. Deixei-lhe remédios e ficou muito contente; disse-me que agradecesse às *Mâmàs*.

— Não disse que fôssemos lá?

— Não.»

Nos dias seguintes, Joana e algumas das suas companheiras tornaram a ir ver o doente.

O velho chefe sente-se melhor e dorme todo o dia; já não quer mais remédios.

Oh! não será a morte que se aproxima?

As pequenas tentaram, discretamente, pronunciar o nome de Deus, de *Unkulunkulu*. Magi levantou-se, impôs-lhes silêncio dizendo horríveis blasfêmias e mandou que se retirassem quanto antes.

Era forçoso uma última tentativa. Duas missionárias vão visitar o pobre pagão. Entram na cubata onde êle as recebe um tanto aborrecido, todavia com aparência de satisfeito.

«Então, Magi, visto que não nos chamas, vimos mesmo sem convite.

— Muito bem, Mâmà, muito bem!

— Estás melhor não é verdade? Tanto assim que nem pedes às Irmãs que te venham ver...

— Ah! Mâmà, hoje não, hoje estou muito mal, estou no fim da minha vida...

— Mas não acaba tudo com a vida, Magi, e tu bem sabes que há outra vida... a vida feliz, e que para merecê-la é necessário o Baptismo.

— Meu pai e minha mãe morreram e não estavam baptizados... Eu quero morrer como êles...

— Êles não sabiam, não tiveram ninguém que lhes ensinasse a verdade; mas tu agora recusas a luz e por isso és culpado».

Magi calou-se. Por enquanto nada ainda a esperar... Depois de um longo silêncio, as missionárias despedem-se segundo a etiqueta indígena: *Nzi fambile* (Vou-me embora).

— *Hizona nzi ta wonana kamba* (Está bem, ver-nos-emos outra vez.)

— Não, não te tornaremos a ver sobre a terra, porque tu vais morrer... «*Nzi fambile*.» E nesta tarde partiram ainda.

Que mais poderiam elas fazer pelo velho chefe?

Só restava orar.

Três dias depois, dois negros corriam à Missão.

O chefe quer um padre, vai morrer e quer baptizar-se.

O moribundo seria sincero?

De tarde as Irmãs foram visitá-lo.

«Mâmà, eu vou morrer, depressa o Padre!...

— É verdade que tu queres o Padre?

— Mâmà, que venha depressa, eu quero morrer *Mwanana ka Unkulunkulu* (Filho de Deus.)»

Durante dois dias, como a morte não era eminente, deixaram-no suspirar pela graça que tinha recusado, e, quando as suas disposições, os seus actos de fé e os seus desejos, não deixavam nenhuma dúvida, o velho chefe Tahiswa recebeu o nome de Boaventura.

Quatro dias depois estava já no paraíso.

Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

A PEQUENA BANDONGA

NO dia 1.º de Janeiro de 1897, as missionárias recebiam uma bela consoada. O que poderia ser? Era uma pobre negrinha, a gentil Bandonga. Um branco tirara-a da aldeia onde ela habitava, porque muitas vezes a família batia-lhe. Fizera já três anos de idade e quando olhavam para ela, carregava as sobranceiras com o ar feroz dum liãozinho apanhado na armadilha.

Quando o branco a levou ao convento, Bandonga, como de costume, examinou toda a gente, as religiosas, fixou um instante a Madre Superiora, depois sem dizer uma palavra, correu para ela e pousou a negra mãozinha na sua; encontrara a verdadeira protectora. Com qualquer outra pessoa, Bandonga ficava tímida, excessivamente receosa, e todavia sentia-se felicíssima no convento. Preguntavam-lhe:

«Bandonga, estás contente em casa das Irmãs?»

Ela fitava as pessoas muito de frente com os seus olhitos muito negros, como o azevi-che, respondia por um grande aceno de cabeça e fazia estalar com fôrça a língua. Tudo aquilo significava que estava contentíssima, tão contente que nunca queria deixar as Irmãs.

Algumas semanas mais tarde, outras negrinhas chegavam à Missão e principiou a funcionar um orfanato. Bandonga, neste ambiente, animou-se, tornou-se mais alegre e como as grandes aprendiam a ler, a escrever e a rezar, quis também aprender as orações e o catecismo. Era dócil e inteligente a nossa negrita! Se bem que pequenina já sabia que era Jesus que estava sobre o altar, por detrás da pequena

porta; e muitas vezes, pedia para ir à capela fazer-lhe companhia. Mas um dia disseram-lhe que era o Baptismo que tornava as criaturas filhas de Deus e que lhes abria a porta do céu; desde então pedia incessantemente que lhe deitassem aquela água na cabeça para se tornar cristã.

Nessas ocasiões a *Mamelo* respondia-lhe:

«Se te portares muito bem, Bandonga, quando fizeres cinco anos, serás baptizada.»

Chegou enfim um dia, no mês de Fevereiro, em que atingiu cinco anos e como era bem comportada, não havia obstáculo algum! Agora era certo; sempre ia receber o Baptismo! Foi então resolvido que tomaria parte com outras várias catecúmenas na bela cerimónia de Sábabo Santo, isto é, dois meses mais tarde.

Dois meses, sessenta dias... Como demorava ainda tanto!... Mas as Irmãs diziam-lhe que era justamente o tempo preciso para se tornar mais ajuizada ainda e fazer muitos sacrifici-zinhos, para que a sua alma estivesse inteiramente preparada quando o Menino Jesus viesse transformá-la e pô-la muito branca pelo Baptismo.

Aproximava-se a Páscoa. Já tinha feito o exame de catecismo e o Padre ficara muito satisfeito com as suas respostas. Na Missão preparavam-se os vestidinhos e as coroas, quando uma manhã, depois da Missa, o missionário pediu para falar à Madre Superiora. Era para

lhe dizer que o pai de Bandonga, há dois anos sem dar sinal de vida, reclamava a filha e que era preciso entregar-lha. Um branco devia justamente no dia seguinte subir o rio de piroga e prontificava-se a levar a pequena negra à família.



Bandonga pôs-se a chorar. Recordava-se que outrora lhe batiam, lá na sua casa; e depois as *Mamelo* eram tão boas que desejava ficar sempre com elas, sempre.

As religiosas sentiam também muita pena.

O que seria feito dela uma vez regressada à aldeia? Sem dúvida ia esquecer o catecismo, tornar-se-ia novamente pagã e nunca chegaria a receber o Baptismo.

Não obstante nada havia a fazer, senão resignarem-se e orar. Estava-se no mês de S. José; foi a êste bom santo que as Irmãs e as pequenas órfãs dirigiram as suas preces para reter Bandonga. Contudo era preciso nessa mesma noite arranjar o seu enxovalzinho, porque o branco viria procurá-la logo de manhãzinha, muito cedo.

Ora, no outro dia pela manhã, nem nos outros dias seguintes, ninguém se apresentou para a levar. Esperou-se. Somente passados seis dias, uma tarde, é que o branco foi ao convento e disse às Irmãs que se tinha «esquecido» da pequena negra. Não deixaria, acrescentou êle, de a vir buscar na próxima viagem, que se efectuaria na semana seguinte.

Uma vez atendidas as suas orações, as religiosas e as crianças redobraram de fervor e continuaram pedindo sempre com grande confiança.

«Bom S. José, rogo-te, não deixes partir Bandonga,» suplicavam mesmo as mais pequenas quando entravam na capela.

O dia da partida chegou. Esperou-se ainda. De manhã as órfãs que cortavam erva na margem, avistaram longe, muito longe, no rio, uma piroga que subia a corrente ao impulso de vigorosas remadelas.

Era o branco sem dúvida alguma. Mais uma vez se tinha esquecido de Bandonga.

Alguns dias depois a pequena caía doente e bem depressa se reconheceu que S. José tinha permitido que ela ficasse no convento para a conduzir ao paraíso. Mandou-se chamar o missionário que fêz de Bandonga uma pequenina Maria José.

Alguns dias mais tarde a criança batia as asitas e partia com os anjos.

Finalmente o branco voltou, desta vez para a levar. As religiosas contaram-lhe como a negrinha, depois de ter estado alguns dias doente, tinha sido baptizada, seguindo-se logo o falecimento. O branco ia dar a triste notícia ao chefe da aldeia.

Decorrido algum tempo, um negro, alto e forte, acompanhado de muitos outros negros armados de lanças, descia o rio em piroga e desembarcava em Nova-Antuérpia.

Era o pai de Bandonga e a sua comitiva. Preguntou onde ficava a casa das *Mamelo* brancas, e dirigiu-se ao convento.

«Eu venho buscar a minha filha, diz êle à Madre Maria do B. Rizzier, e quero que ma entreguem imediatamente.

— Já te disseram, não é verdade, que ela não está aqui? Nós educámo-la, tratámos dela durante dois anos; era linda e gentil, mas há algumas semanas caiu doente.

— E onde está? Eu quero-a.

— O seu corpo está na terra, mas a sua alma partiu e foi ver a bela aldeia do grande chefe de tôda terra. Ela não quer voltar mais.

— Não quer voltar mais? E porquê?

— Porque é lá muito feliz.

— É muito feliz? Então o grande chefe é bom?

— Muito bom.

— A sua aldeia é linda?



— É mais linda do que a mais bela aldeia do Congo.

— Há lá muito que comer? Há peixe? Há carne?

— Sim, sim, respondeu a religiosa para tranqüilizar o pobre pagão; Bandonga tem tudo quanto precisa, coisas muito boas, muito melhores do que as daqui; afianço-te que é feliz.

— Então está bem, pode ficar.»

E o chefe negro, que não compreendia como é que a sua Bandonga podia sentir-se feliz junto do Menino Jesus, da Santíssima Virgem e de S. José, despediu-se muito satisfeito e com os seus homens subiu de novo o rio de piroga e regressou à aldeia.

VERDADEIRAS SELVAGENZINHAS

Depois de Bandonga e das suas primeiras companheiras, muitas outras negrinhas chegaram a Nova-Antuérpia, enviadas ordinariamente por brancos que exploravam a região. As religiosas recebiam-nas em bandos de dez, doze e até vinte de cada vez. Pobres pequenitas! Muitas encontravam-se num estado tão lastimoso, estavam tão doentes, que só permaneciam na Missão o

tempo necessário para receber o Baptismo e voar logo para o paraíso. As mais velhinhas, que pela primeira vez saíam da mata e que nunca tinham visto nem europeus nem religiosas, mostravam-se cheias de medo; tudo era novo para elas, cada objecto encontrado as aterrorizava e supunham que não tardaria o momento — por terem visto muitas cenas dêste género na sua aldeia — em que por seu turno seriam metidas... na panela!...

«Um dia, escrevia a êste respeito a Madre Maria do B. Rizzier, recebemos uma caravana de vinte e quatro rapariguinhas; as pobres crianças olhavam-nos muito ansiosas, observavam cada uma de nós, depois falando entre si, apontavam, aterrorizadas, a religiosa mais magra. Uma das primeiras que tinham chegado já antes, aparece naquele momento e, aproximando-se daquela mesma religiosa falou-lhe com confiança, a religiosa respondeu-lhe sorrindo. Então tôdas as fisionomias se tranqüilizaram e a expressão de alívio que deixaram transparecer era impressionante.

Na semana seguinte, as pequenas declaravam-se felicíssimas no convento e tanto à vontade como em suas casas.

(Continua).



Para que o Menino Jesus se não aborreça

UM dia, pergunta Pedro :

Onde vive o Menino Jesus ?

No céu, responde-lhe a Irmã, e na Igreja no tabernáculo.

— E o que é o tabernáculo ?

— Anda cá, vou-to mostrar.»

E emquanto a Irmã explica, Pedro, de pé, sobre o degrau do banco da comunhão, abre os grandes olhos muito admirados. Depois o seu dedinho ergue-se e apontando o altar, diz:

«E fica ali todo o dia ?

— Codo o dia, sim, e também tôda a noite.



— E que faz ?

— Pensa nos meninos que têm muito juizinho e são bem comportados; e pede por tôda a gente.

— Mas não se pode ver !

— Agora não ; mais tarde, no céu !»

No recreio, no refeitório, na aula, Pedro está pensativo. Em que pensa êle ?

«No menino Jesus tão sòzinho no tabernáculo.»

À noite quando vai para se deitar, o pequeno homenzinho não pode mais. Docemente, escapa-se até à sala do recreio e regressa com o bafeiro cheio de brinquedos.

Na igreja, a sacristã prepara o altar para a Missa do dia seguinte :

«Irmã, isto tudo é para Jesus, para que se não aborreça na sua casa tão pequena.»

E subindo ao banco, justamente pôsto ao pé do altar, Pedro coloca sobre a branca toalha, os soldados de chumbo, a bola de borracha, o palhaço, e . . . com um grande suspiro, o grande urso de pelúcia, o seu favorito. Faltam ainda as bolinhas de vidro; uma a uma saem do seu bolsinho e vão rolar deante do tabernáculo.

«Agora, Jesus deve estar contente; já não se vai aborrecer na sua pequena casa.»

CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS

Reverenda Madre :

Lemos na Tribuna que se pode ser madrinha e receber também a fotografia dum afilhado ou duma afilhada. Desejávamos tomar parte também nesta boa obra missionária, pedindo nos concedam um rapazinho africano que receberá o nome de Francisco Xavier e uma menina que se chamará Maria Cecília. Queremos que nos mandem o seu retrato e que tenham a idade dum ano e meio a dois anos.

Poderíamos, Rev.^a Madre receber mesmo o endereço e notícias da Missão onde êles se encontram ?

Junto enviamos 50\$00 para o seu baptizado e para a fotografia.

Ansiosas aguardamos a resposta. Os nossos sinceros cumprimentos.

Maria Clotilde e Maria Cecília.

Resposta : Um pedido tão gentil e uma oferta tão generosa seguiram imediatamente para S. Salvador (Angola), onde será fácil encontrar nas obras destinadas à infância os dois negrinhos e onde será fácil tirar o seu retrato. Receberão pois os nossos amiguinhos notícias das próprias missionárias.

Carlos Maria. — Primeiro quero apresentar ao nosso novo apóstolo do valente exército missionário os nossos agradecimentos ! E um aviador ! Com certeza muitos dos nossos amiguinhos vão sentir também o desejo de voar lá pelos altos, só com a lembrança duma tão linda viagem !

Recebemos a notícia de que para o nosso intrépido az fôra escolhido um encantador pretinho da Missão de Moçumbi (Moçambique). Tem três anos e é filho duma pobre mulher que, durante cinco anos, perseverou no estudo do catecismo. O pai deseja também muito baptizar-se, mas como é empregado do estado, trabalha ora num lugar ora noutro. Estas mudanças fazem-lhe retardar a graça. Esperamos que o Carlos Maria pedirá nas suas orações não só pelo afilhadinho, mas também pelo pai.

Nihil obstat

8-8-938.

Alexandrino Santos

Imprimatur

Bracaræ, 8 Augustus 1938.

† A., Arch. Bracaræ.